

---

# FINANÇAS PESSOAIS: UM ESTUDO COM ACADÊMICOS SOB A ABORDAGEM DA TEORIA DA CONTABILIDADE MENTAL

---

## PERSONAL FINANCE: A STUDY WITH ACADEMICS UNDER THE APPROACH OF MENTAL ACCOUNTING THEORY

---

### **Anne Carolina dos Santos**

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Maringá (PCO-UEM)

Endereço: Avenida Colombo, 5790, JD. Universitário, CEP 87020-600 - Maringá-PR – BRASIL.

Telefone: (44) 99846-7916

E-mail: anne.carolinadossantos@gmail.com

### **Evelini Lauri Morri Garcia**

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (PPA-UEM)

Professora do Departamento de Ciências Contábeis, Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Endereço: Rua D. Pedro Ili, 598, Zona 01, CEP 87200-055 – Cianorte – PR – Brasil.

Telefone: (44) 99973-9660.

E-mail: evelinilaurimorri@hotmail.com

Recebido: 10/10/2018    Aprovado: 10/01/2019

Publicado: 31/03/2019

### **Valter da Silva Faia**

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (PPA-UEM)

Professor do Departamento de Ciências Contábeis, Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Endereço: Rua D. Pedro Ili, 598, Zona 01, CEP 87200-055 – Cianorte – PR – Brasil.

Telefone: (44) 99945-4156.

E-mail: valterfaia@gmail.com

### **Antonio Marcos Flauzino dos Santos**

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Administração Pública e Governo da Fundação Getúlio Vargas (CEAPG-EAESP-FGV)

Professor do Departamento de Ciências Contábeis, Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Endereço: Rua D. Pedro Ili, 598, Zona 01, CEP 87200-055 – Cianorte – PR – Brasil.

Telefone: (44) 99827-2788.

E-mail: m.flauzino@uol.com.br

---

## RESUMO

O controle sustentável das finanças pessoais pode ser impulsionado pela educação financeira. Isso leva à expectativa de que cursos na área de negócios, como a contabilidade, podem ampliar a qualificação dos indivíduos para gerir suas finanças pessoais. A Teoria da Contabilidade Mental, por sua vez, considera que a análise de eventos financeiros pode fugir da racionalidade decisória. O objetivo da pesquisa é identificar aspectos das finanças pessoais de graduandos em Ciências Contábeis, Design, Moda e Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, campus de Cianorte, sob a ótica da Teoria da Contabilidade Mental. A pesquisa utiliza a estatística qui-quadrado para análise dos dados, que são oriundos da aplicação de questionário estruturado a 154 alunos. Os resultados indicam que os futuros contadores desenvolvem formas mais avançadas de controle das finanças pessoais, cujo aspecto não foi significativo nos acadêmicos dos demais cursos. Porém, as decisões de investimento e a busca por auxílio financeiro de familiares indicam que os alunos de contabilidade também apresentam comportamento não relacionado aos aspectos racionais introduzidos pela graduação. A discrepância quanto ao comportamento relacionado às finanças pessoais entre alunos de distintos cursos mostra que o contato com atividades educacionais na área de negócios pode

moldar o comportamento financeiro, contudo, outros elementos racionais ou subjetivos ainda se fazem presentes nas decisões financeiras pessoais.

**Palavras-chave:** Finanças Pessoais; Educação Financeira; Contabilidade Mental; Estudantes.

## **ABSTRACT**

---

*The sustainable control of personal finances can be driven by financial education. This leads to the expectation that courses in the business field, such as accounting, can increase the qualification of individuals to manage their personal finances. The Mental Accounting Theory, in turn, considers that the analysis of financial events can evade decision-making rationality. The objective of the research is to identify aspects of the personal finances of students in Accounting, Design, Fashion and Pedagogy of the State University of Maringá, Cianorte campus, from the perspective of Mental Accounting Theory. The research uses chi-square statistic to analyse the data, who has come from the application of structured questionnaire to 154 students. The results indicate that future accountants develop more advanced ways of personal finance control, whose aspect was not significant with the academics of the other courses. However, investment decisions and the search for financial assistance from family members indicate that accounting students also exhibit behavior unrelated to the rational aspects introduced by the graduation. The discrepancy regarding in the behavior related to personal finances among the students of different courses shows that contact with educational activities in the business field can shape financial behavior, however other rational or subjective elements are still present in personal financial decisions.*

**Keywords:** Personal Finance; Financial Education; Mental Accounting; Students.

## **1 INTRODUÇÃO**

O planejamento e controle dos recursos pessoais não é uma prática extensiva à toda população brasileira. O Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) estimou em 2016 que metade dos brasileiros utilizam algum método para gerenciar seus recursos financeiros, como caderno de anotações (32%), planilha eletrônica (15%) ou aplicativos digitais (4%). No entanto, neste mesmo ano, o número de consumidores com registro no cadastro de devedores alcançou 58,7 milhões de pessoas no Brasil, representando cerca de 39,64% da população adulta (SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO, 2017).

O planejamento financeiro pessoal é uma ferramenta que reduz a incerteza envolvida no processo decisório, e, conseqüentemente, aumenta o controle sustentável das finanças pessoais (POTRICH *et al.*, 2014). Uma forma de acesso a estas ferramentas se dá pela educação financeira, que estimula o desenvolvimento de conhecimentos, aptidões e habilidades financeiras, proporcionando preparo ao indivíduo para administrar o próprio patrimônio (DREXLER; FISCHER; SCHOAR, 2014).

Em países de economia estável, como Austrália, Japão e Reino Unido, a educação financeira é priorizada principalmente por meio da inclusão de disciplinas nas escolas, desenvolvimento de programas sociais e disponibilização de ferramentas *online* de ensino (FERNANDES, 2011; GRIFONI, MESSY, 2012).

No Brasil o tema também tem sido tratado como relevante e, por isso, foi implementada a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) pelo Decreto Federal nº 7.397/2010, sendo uma política de Estado de caráter permanente. O objetivo é fornecer e apoiar ações que ajudem a população brasileira a tomar decisões financeiras conscientes (SARAIVA, 2017).

No âmbito escolar, esta estratégia consiste em disponibilizar livros e materiais aos professores do ensino fundamental e médio, cujos conteúdos centram-se na resolução de problemas matemático-financeiros (HOFMANN; MORO, 2013).

O ensino universitário não está abrangido pela ENEF (DUARTE, 2012). Em vista disso, há a expectativa de que, para este público, a formação acadêmica em cursos na área de negócios, como Administração, Ciências Contábeis ou Economia, é uma experiência diferencial que contribui para a melhor tomada de decisões pessoais sobre gastos e investimentos (DREXLER; FISCHER; SCHOAR, 2014; HANCOCK; JORGENSEN; SWANSON, 2013; MEDEIROS; LOPES, 2014; OTTANI *et al.*, 2016; VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011; WOHLBERG; BRAUM; ROJO, 2011; XIAO; CHEN, CHEN, 2014).

Esta expectativa está fundamentada no conceito de que a educação financeira empresarial amplia o conhecimento sobre finanças e, como consequência, influencia decisões financeiras particulares do indivíduo (BROWN *et al.*, 2016).

No entanto, há percepções diferentes quanto à contribuição dos cursos da área de negócios para as finanças pessoais. Há pesquisas que concluem que tais cursos têm pouco impacto sobre a educação financeira dos alunos e que não conseguem desenvolver controle financeiro particular (MANDELL; KLEIN, 2009; LEONE; ALVES, 2011; ZANETTA, 2016). Estes resultados podem ser compreendidos como um contrassenso às expectativas da formação contábil universitária, visto que tal formação visa capacitar profissionais aptos ao controle financeiro (OTTANI *et al.*, 2016). Devido a dualidade de interpretações sobre o comportamento relacionado às finanças pessoais entre indivíduos de distintos cursos de ensino superior e o contexto brasileiro caracterizado pela dificuldade na gestão das finanças pessoais, ainda que existam políticas públicas de educação financeira, questiona-se: Quais aspectos das finanças pessoais diferem acadêmicos de Ciências Contábeis de acadêmicos de demais cursos?

A partir do problema de pesquisa, o presente estudo tem o objetivo de identificar aspectos das finanças pessoais de alunos dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, Design, Moda e Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), campus de Cianorte, sob o aspecto da Teoria da Contabilidade Mental. Os quatro cursos são os únicos ofertados pelo campus universitário, sendo o curso de Ciências Contábeis a única graduação da área de negócios. Ao concentrar o estudo em um único campus universitário tem-se o benefício de analisar o comportamento de indivíduos sujeitos às mesmas condições sociais e econômicas regionais, como tentativa de minimizar outros efeitos do ambiente externo nas decisões individuais. Por meio da Teoria da Contabilidade Mental é possível reconhecer o processo de codificação, categorização e avaliação de eventos financeiros destes indivíduos em nível psicológico. Para isso, considera-se nesse estudo o pressuposto de que a racionalidade do ensino da contabilidade se relaciona com o encadeamento do processo das finanças pessoais (PRADO, 2015).

A proposta do presente estudo atende a necessidade de conhecer aspectos da gestão de recursos próprios por distintos grupos de indivíduos (MARCHEZINI *et al.*, 2017), permitindo ampliar a compreensão da origem de falhas nas finanças pessoais presentes no contexto brasileiro. O recorte empírico, que abrange universitários, sustenta-se visto que estes caracterizam os indivíduos recém-chegados à vida adulta e que, normalmente, estão diante das primeiras decisões financeiras sem interferência da família (GINZEL, 2017). Concluída a educação em nível superior, é comum que os acadêmicos não sintam obrigação de aprender sobre o tema e seguem a vida adulta sem contato com qualquer tipo de formação sobre finanças (DUARTE, 2012).

A partir disso, a comparação do tratamento das finanças pessoais entre acadêmicos de cursos de diferentes áreas presentes em uma mesma região é uma oportunidade de investigar os efeitos da racionalidade proporcionada pelo ensino universitário na área de negócios ou se existe proeminência de processos subjetivos (LEONE; ALVES, 2011).

Os resultados da pesquisa oferecem contribuições empíricas ao permitir compreender as nuances das decisões financeiras dos alunos de distintos cursos e a ligação destes processos com os conhecimentos financeiros obtidos formalmente e informalmente. Por isso, ainda que seja encontrada subjetividade nas escolhas correlatas às finanças pessoais, este estudo propicia a análise da dificuldade em realizar orçamentos pessoais em indivíduos adultos que não tiveram contato com discussão sobre finanças em

âmbito escolar. Com isso, é possível reforçar o apelo às políticas públicas para o desenvolvimento de ações educacionais relacionadas às finanças pessoais.

Enquanto contribuição teórica, a pesquisa amplia o reconhecimento da Contabilidade Mental como instrumento para avaliação de decisões financeiras individuais. No contexto universitário, reforça a compreensão sobre a presença de subjetividade dos indivíduos, limitada, principalmente, às decisões de investimento. As escolhas relacionadas ao planejamento do fluxo financeiro mostram que a codificação e avaliação de eventos financeiros são condicionadas de forma importante pelo ambiente acadêmico ao qual estão inseridos. Assim, os aparatos da Contabilidade Mental mostram-se mais arrojados quando os indivíduos obtêm conhecimentos no âmbito do ensino superior em curso de Ciências Contábeis, comparativamente a cursos de outras áreas.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Esta seção apresenta a definição de finanças pessoais e contabilidade mental.

### **2.1 Finanças pessoais sob a ótica da teoria da contabilidade mental**

O termo finanças, conforme Gitman (2010), pode ser definido como a arte e a ciência de administrar o dinheiro. Ou seja, a maneira como as pessoas jurídicas e pessoas físicas ganham, gastam e investem os recursos monetários.

Considera-se que as práticas desenvolvidas pelas empresas são aplicáveis aos indivíduos de maneira simplificada. Em vista disso, a educação financeira engloba decisões ligadas a gestão de finanças pessoais visto que possibilita o aperfeiçoamento da aptidão financeira do indivíduo. A educação financeira é o processo pelo qual os indivíduos melhoram a compreensão sobre o tema por intermédio de informações, instruções e aconselhamentos. O intuito é desenvolver habilidades e confiança, bem como conhecer os riscos e oportunidades inerentes ao ambiente econômico (GRIFONI, MESSY, 2012; SAITO, 2007).

Devido a subjetividade dos indivíduos, o campo teórico das finanças comportamentais busca compreender como os vieses comportamentais interferem nas tomadas de decisões financeiras. Os pesquisadores pioneiros nesse assunto foram Daniel Kahneman e Amos Tversky ao abordarem, em 1979, as estruturas mentais por meio da Teoria do Prospecto (SAURIN *et al.*, 2015). Essa teoria sustenta que as ilusões cognitivas levam as pessoas a empenhar maior importância às perdas do que aos ganhos.

Sob a perspectiva comportamental dos indivíduos e sua relação com as finanças, emerge a Teoria da Contabilidade Mental. Thaler (1985) cunhou a expressão Contabilidade Mental fundamentada em princípios da Teoria do Prospecto, situando-a também na área de finanças comportamentais. A Teoria da Contabilidade Mental foi conceituada como sendo o processo de codificação, categorização e avaliação de eventos financeiros pelos indivíduos. Tal processo envolve modelos mentais, percepções, situações específicas, emoções, experiências anteriores e outras variáveis que podem fugir da racionalidade decisória (THALER, 1999).

Uma maneira simplificada de entender o viés da Contabilidade Mental é relacionar como os indivíduos lidam com as finanças pessoais e com os orçamentos empresariais. As empresas, quando elaboram seu orçamento, separam as despesas e as receitas em contas que são responsáveis por registrar os valores das transações de determinado período. Para cada conta é definido um valor máximo de gastos e um valor mínimo de receitas. Os indivíduos também controlam e gerem o dinheiro da mesma maneira, por intermédio de orçamento com agrupamento de valores em contas específicas (THALER, 1999; ZANETTA, 2010).

Enquanto a contabilidade empresarial consiste na codificação de regras e convenções estabelecidas, a Contabilidade Mental considera o comportamento, e, a partir deste, infere-se regras,

portanto, esse processo é mais complexo (KAHNEMAN, TVERSKY, 1979; THALER, 1999). Conforme Thaler (1999) há três componentes que caracterizam a tomada de decisão pela Contabilidade Mental: i) a maneira como os resultados são percebidos e experimentados, bem como a forma em que as decisões são tomadas e avaliadas; ii) a atribuição de atividades a contas específicas, como despesas agrupadas em categorias, como habitação, alimentação, entre outros; e, iii) a frequência que tais contas são avaliadas.

O primeiro componente é ilustrado por meio da anedota envolvendo a compra de uma colcha. Numa loja eram vendidas colchas de modelos diferentes: “*double, queen e king*”. Os preços habituais das colchas eram de \$ 200, \$ 250 e \$ 300, respectivamente. Foi realizada uma promoção em que o vendedor ofereceu qualquer um dos modelos por \$ 150. O indivíduo da anedota comprou o modelo “*king*”, ficando satisfeito, mas, ao chegar em casa percebeu que sua cama era compatível com o modelo “*double*”, logo a colcha adquirida era maior. Nesse caso, o comprador se beneficiou, sob o aspecto financeiro, com a compra de uma colcha mais cara. No entanto, ao avaliar a utilidade do objeto adquirido, ficou insatisfeito com a decisão tomada (THALER, 1999). Isso demonstra que a Contabilidade Mental fornece *inputs* para a análise do custo-benefício (KICH, 2013; PRELEC, LOEWENSTEIN, 1998).

O segundo componente pressupõe que as pessoas criam contas mentais. Para ilustrar seu funcionamento supõe-se a compra de ingresso para uma peça de teatro. Ao pagar-se antecipadamente pelo ingresso, é aberta uma conta mental que se refere a essa transação. Nesse sentido, o saldo da conta será negativo, pois houve a saída de dinheiro. Ao assistir à peça, fecha-se a conta mental, cancelando o saldo negativo. Porém, caso haja algum imprevisto que impeça o indivíduo de assistir à peça de teatro, a conta mental fechará com saldo negativo. Nesse caso, há uma perda considerada repulsiva (KICH, 2013; KOCH; NAFZIGER, 2016).

Em regra, as contas mentais caracterizam-se por separar componentes de um quadro total. Tanto as fontes quanto os usos dos fundos são rotulados pela contabilidade regular e também pela Contabilidade Mental. Contudo, necessita-se analisar o problema como um todo, antes de tomar decisões financeiras, tendo em vista que o uso isolado de contas mentais específicas pode gerar ineficiência em relação ao conjunto (PRELEC; LOEWENSTEIN, 1998; THALER, 1999).

As contas mentais são tratadas como dispositivos de autocontrole utilizados pelos indivíduos para restringir seus gastos. Por isso há flexibilidade na atribuição de valores a diferentes contas mentais, podendo existir, inclusive, contas ambíguas (CHEEMA; SOMAN, 2006). Existem três fatores que podem reduzir a pressão psicológica ao fechar uma conta mental com saldo negativo, isto é, valores prejudiciais as finanças. Um deles consiste na percepção do indivíduo, considerando que alguns pensam mais no custo das compras do que outros. Outro fator relaciona-se com a percepção das características, já que é difícil determinar o custo de cada benefício comprado, como o ambiente, o serviço de atendimento, entre outros. O terceiro fator refere-se a forma de pagamento. Por exemplo, existe maior dificuldade de associar os benefícios de compras pagas com cartão de crédito do que aquelas realizadas à vista (CHATTERJEE; HEATH; MIN, 2009; PRELEC; LOEWENSTEIN, 1998).

O terceiro componente da Contabilidade Mental refere-se à periodicidade de avaliação das contas mentais. Pode-se avaliá-las diariamente, semanalmente e anualmente, da mesma forma que ocorre com os orçamentos empresariais. Contudo, esta avaliação deve ser efetuada de forma ponderada. Ilustra-se tal componente por meio da afirmativa de que jogadores de *poker* nunca devem contar o dinheiro enquanto estão sentados à mesa, junto aos demais jogadores. A análise das contas mentais deve ser realizada periodicamente e com cautela, principalmente em situações envolvendo a tomada de decisão sob incerteza. Assim sendo, procura-se evitar decisões isoladas, que não abrangem o problema como um todo (CHEEMA; SOMAN, 2006; THALER, 1999).

Nota-se que o processo da Contabilidade Mental está presente no cotidiano das pessoas, já que aborda o comportamento do indivíduo em relação ao capital próprio, bem como estabelece ordenamento das ações. Esta abordagem é semelhante ao desenvolvimento de orçamentos pela contabilidade empresarial, conforme estabelecido pelos componentes da teoria (THALER, 1999). Com isso, o

conhecimento contábil auxilia no processo da Contabilidade Mental, já que este é mais abrangente e não necessita obrigatoriamente de mecanismos formais para sua apropriação, estando atrelado ao aspecto psicológico intrínseco de cada indivíduo (PRADO, 2015).

Para Thaler (1999) não existe necessidade em se preocupar se a Contabilidade Mental é racional ou não. Na visão de Chatterjee, Heath e Min (2009) trata-se de uma teoria descritiva sobre escolhas dos indivíduos, sendo aplicável a comportamentos econômicos, como investimento, empréstimos e dívidas. No entanto, independente da formação recebida, tanto quanto ao nível e área de atuação profissional, torna-se indispensável o conhecimento sobre o básico de finanças para possibilitar uma vida financeira confortável.

Os currículos dos cursos da área de negócios incluem disciplinas que abordam matemática e finanças, e, apesar de não estarem diretamente ligadas à educação financeira, transmitem certa segurança aos alunos e proporcionam conhecimentos que podem ser aplicados a vida pessoal, inclusive para redução de dívidas (BROWN *et al.*, 2016; SAITO, 2007). Pesquisas anteriores investigaram as consequências do planejamento financeiro e das finanças pessoais em acadêmicos da área de negócios. Cita-se os estudos de Wohleberg, Braum e Rojo (2011) e de Medeiros e Lopes (2014) que identificaram relação entre a gestão financeira eficiente e o perfil de consumo consciente de alunos dessa área. Da mesma forma, Vieira, Bataglia e Sereia (2011) aplicaram questionários à alunos de cursos da área de negócios e concluíram que a formação acadêmica contribui para a tomada de decisões de consumo, investimento e poupança.

O estudo de Kich (2013) mostrou que indivíduos com maior nível de educação financeira apresentam menos probabilidade de influenciar-se por questões irracionais no processo decisório, cujos resultados são advindos de uma investigação que envolveu estudantes de diversos cursos do ensino superior, inclusive da área de negócios. Prado (2015) desenvolveu um estudo com alunos do curso de graduação em Administração e demonstrou que tanto os aspectos racionais como os psicológicos são utilizados para a tomada de decisão financeira, mas, não foi possível determinar qual aspecto é mais proeminente.

Em âmbito internacional, especificamente junto à população norte-americana, Xiao, Chen e Chen (2014) concluíram que, enquanto o comportamento financeiro de risco diminui a satisfação financeira, a alfabetização financeira contribui positivamente. Os resultados reforçam que os programas de educação financeira devem incentivar os consumidores a evitar comportamentos financeiros de risco. A investigação de Drexler, Fischer e Schoar (2014) sugere que conhecimentos em finanças e contabilidade geraram efeito positivo no crescimento de pequenas empresas na República Dominicana. Para isso, não houve necessidade dos indivíduos terem acesso a conhecimentos contábeis de cursos universitários, pois, programas de treinamento que abordam conteúdos básicos sobre finanças afetaram significativamente a maneira como os gestores controlam seus recursos próprios e os segregam dos recursos alocados em seus empreendimentos.

Outros estudos apresentam conclusões que indicam dissociação entre a formação acadêmica e as práticas de gestão financeira particular. Mandell e Klein (2009) demonstraram que a formação em cursos da área de negócios não contribui significativamente para o planejamento e controle das finanças dos alunos. Destaca-se que a amostra desse estudo englobou somente alunos de cursos da área de negócios. De maneira similar, Saurin *et al.* (2015) conduziram um estudo que envolveu amostras de alunos de cursos da área de negócios de universidades do Brasil e de Portugal. Mesmo os respondentes que estudaram finanças comportamentais apresentaram o viés do *status quo* indicando que tendem a manter suas práticas financeiras habituais, pois não mudaram a extensão da sua exposição ao risco.

Leone e Alves (2011) realizaram uma pesquisa junto à graduandos do curso de Economia em que parte da amostra frequentava um curso sobre o mercado financeiro, denominado “sala de ações”. Os resultados mostraram que os alunos que, teoricamente, detêm menos conhecimento financeiro, isto é, que não frequentavam o curso, apresentaram um comportamento menos aversivo ao risco. O estudo

destacou os vieses cognitivos, inclusive relacionados a Contabilidade Mental que influenciam os alunos a se comportarem de forma semelhante. Ou seja, toda a amostra é prejudicada por fatores de ordem coletiva e emocional, independentemente do nível de conhecimento financeiro.

Zanetta (2016) concluiu que não há garantia de que a educação formal contribua para diminuir a manifestação do viés da Contabilidade Mental, tendo em vista que os indivíduos, de forma geral, tratam diversas questões de forma isolada. Schiller (2017) pesquisou a percepção sobre a racionalidade econômica, com base na Teoria do Prospecto, junto à diretores financeiros e estudantes de mestrado em contabilidade. Os resultados da pesquisa indicaram que a Contabilidade Mental não é importante para a tomada de decisões financeiras.

Não foram encontradas pesquisas empíricas sobre finanças pessoais com amostra composta por alunos dos cursos de Design e Moda. No entanto, há pesquisas que objetivaram diferenciar os alunos da área de ciências sociais aplicadas de outras áreas de ensino. Os resultados de um estudo realizado com estudantes de Administração, Ciências Contábeis, Ciências da Religião e Pedagogia demonstraram que somente os alunos da área de negócios utilizam os conhecimentos para construir e analisar o orçamento de forma eficiente. Verificou-se também que 59% da amostra não realiza nenhum tipo de investimento (OTTANI *et al.*, 2016).

Já Hancock, Jorgensen e Swanson (2013) delimitaram a amostra de pesquisa em universidades norte-americanas com alunos de diversos cursos das áreas de negócios, agrícola, artes, medicina, engenharia, educação, entre outras. A maioria da amostra possui conhecimentos financeiros significativos, por isso, arriscam-se mais ao dispor de dois ou mais cartões de crédito, devido possuírem mais dívidas e estarem se tornando menos dependentes financeiramente dos pais.

Conforme apresentado neste capítulo de plataforma teórica, compreende-se que a literatura que trata sobre a possível relação entre a área de formação e as práticas financeiras pessoais apresentam resultados discrepantes e até conflitantes. Tais contradições no arcabouço bibliográfico fomentam a necessidade de ampliar e aprofundar investigações sobre o tema. Além disso, a teoria da Contabilidade Mental foi pouco explorada e ainda oferece oportunidade de receber contribuições (CRUZ *et al.*, 2017). Considerando este *gap*, os pressupostos da Contabilidade Mental são utilizados como ponto de partida na análise dos resultados do presente estudo, visto que são um primeiro esforço na explicação das decisões aplicáveis às finanças pessoais dos indivíduos (THALER, 1999).

### 3 METODOLOGIA

Em relação aos objetivos, a pesquisa é descritiva e tem a finalidade de identificar e comparar o comportamento de alunos de distintos cursos em relação ao planejamento e controle financeiro. Para a coleta de dados, um levantamento (*survey*) foi realizado durante a primeira quinzena de outubro de 2016 com acadêmicos do campus regional de Cianorte da UEM, tendo em vista a presença de cursos de graduação de diversas áreas, sendo Ciências Contábeis (Centro de Ciências Sociais Aplicadas, período noturno), Design (Centro de Tecnologia, período integral), Moda (Centro de Tecnologia, período matutino) e Pedagogia (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, período noturno).

A amostra da pesquisa, definida de forma intencional e não probabilística, é composta de 154 discentes matriculados na 3ª e 4ª série dos cursos de Ciências Contábeis (48 alunos), Design (32 alunos), Moda (33 alunos) e Pedagogia (41 alunos). A amostra é considerada representativa (cerca de 75% da população), visto que se estima que o universo seja de aproximadamente 200 alunos, considerando que houve 103 formandos no campus regional de Cianorte no ano de 2016 (UEM, 2016).

O critério definido para a seleção da amostra considerou os alunos que cursaram mais da metade das disciplinas da grade curricular, em virtude destes acadêmicos já terem recebido importante parcela da formação oferecida pelo curso universitário.

Tabela 1 - Perfil dos aprovados no vestibular da UEM de 2015

Características		Vestibular de inverno	Vestibular de verão	Processo de avaliação seriada
Sexo	Feminino	50,34%	52,36%	61,56%
	Masculino	49,66%	47,64%	38,44%
Estado civil	Solteiro	96,36%	95,77%	-
	Casado	1,95%	2,57%	-
	Outro	1,69%	1,66%	-
Idade	Menos de 16 anos	1,19%	3,23%	-
	16 aos 19 anos	82,12%	73,82%	-
	20 aos 25 anos	11,44%	18,31%	-
	Mais de 25 anos	5,25%	4,64%	-
Trabalhará durante o curso?	Sim, mas apenas nos últimos anos	5,42%	5,88%	-
	Sim, desde o primeiro ano, em tempo parcial	18,81%	19,22%	-
	Sim, desde o primeiro ano, em tempo integral	13,31%	15,49%	-
	Não sei	45,34%	41,67%	-
	Não	17,12%	17,73%	-

Fonte: Adaptado de UEM (2016).

A UEM está localizada no Noroeste do Paraná, organizada em sete campus, incluindo a sede. Na Tabela 1 são expostas algumas características dos ingressantes na instituição no ano de 2015, de acordo com os dados mais recentes disponibilizados até a data da presente pesquisa. Dentre as características dos acadêmicos, prevalece o sexo feminino, solteiros e com até dezenove anos de idade, demonstrando ser uma população jovem. Além disso, a necessidade de trabalhar durante o curso prevalece sobre a opção contrária.

A fim de compreender as características das práticas financeiras dos acadêmicos, utilizou-se questionário estruturado como instrumento de coleta de dados. Sua aplicação aos respondentes ocorreu a partir de visitas nas salas de aula (folha de papel) e por meio eletrônico (Formulários *Google*®). O questionário foi composto por dois blocos de perguntas embasadas em estudos anteriores. A primeira parte foi composta de questões acerca da caracterização dos respondentes, com a identificação de gênero, idade e forma de moradia.

A segunda parte foi composta por perguntas de caráter financeiro, conforme demonstrado no Quadro 1.



Quadro 1 - Variáveis do estudo (continua)

Variáveis		Opções de respostas	Embasamento
1	Curso	( ) Ciências Contábeis ( ) Design ( ) Moda ( ) Pedagogia	Hancock, Jorgensen e Swanson (2013); Kich (2013); Ottani <i>et al.</i> (2016); Vieira, Bataglia e Sereia (2011); Wohlemborg, Braum e Rojo (2011)
2	Gênero	( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Outros	Kich (2013); Vieira, Bataglia e Sereia (2011)
3	Idade em anos	( ) Até 20 ( ) De 21 a 25 ( ) De 26 e 30 ( ) De 31 a 35 ( ) De 36 a 40 ( ) De 41 a 45 ( ) Acima de 45	Kich (2013); Vieira, Bataglia e Sereia (2011); Wohlemborg, Braum e Rojo (2011)
4	Forma de moradia	( ) Sozinho(a) ( ) Com os pais ( ) República/equivalente ( ) Cônjuge ( ) Outros	Wohlemborg, Braum e Rojo (2011)
5	Fonte de renda	( ) Trabalho formal ( ) Trabalho informal ( ) Estágio/Bolsa ( ) Mesada ( ) Outro	Medeiros e Lopes (2014); Vieira, Bataglia e Sereia (2011).
6	Renda mensal	( ) Até 880,00 ( ) De R\$ 880,01 a R\$ 1.500,00 ( ) De R\$ 1.500,01 a R\$ 3.000,00 ( ) De R\$ 3.000,01 a R\$ 5.000,00 ( ) De R\$ 5.000,01 a R\$ 7.000,00 ( ) Acima de R\$ 7.000,01	Medeiros e Lopes (2014); Vieira, Bataglia e Sereia (2011); Wohlemborg, Braum e Rojo (2011)
7	Satisfação com a renda	( ) Sim ( ) Não	Fernandes (2011); Xiao, Chen e Chen (2014)
8	Tempo que manteria o padrão de vida	( ) 1 a 3 meses ( ) 4 a 6 meses ( ) 7 a 9 meses ( ) 10 a 12 meses ( ) mais de 12 meses ( ) Não manteria	Braido (2014)
9	Percepção sobre a educação financeira	( ) Muito importante ( ) Importante ( ) Pouco importante ( ) Desnecessário ( ) Desconheço sobre o tema	Brown <i>et al.</i> (2016); Medeiros e Lopes (2014)
10	Propulsor da educação financeira	( ) Escola: ensino fundamental/médio ( ) Ensino Superior ( ) Cursos extracurriculares ( ) Palestras ( ) Familiares/Amigos ( ) Outro ( ) Desconheço sobre o tema	Vieira, Bataglia e Sereia (2011)
11	Opinião sobre o conhecimento obtido a partir do curso de graduação	( ) Auxiliou, estou satisfeito ( ) Auxiliou, estou pouco satisfeito ( ) Auxiliou, mas estou insatisfeito ( ) Não auxiliou, pois as disciplinas não abordaram o tema	Wohlemborg, Braum e Rojo (2011)
12	Forma de monitoramento das finanças pessoais	( ) Folha de papel ( ) Planilha eletrônica ( ) Aplicativo no celular ( ) Outro(s) ( ) Não monitoro	Kich (2013); Medeiros e Lopes (2014); Ottani <i>et al.</i> (2016)
13	Forma de realização de orçamento financeiro pessoal	( ) Faço considerando somente as despesas ( ) Faço considerando receitas e despesas ( ) Faço considerando receitas, despesas e sobras ( ) Não realizo	Wohlemborg, Braum e Rojo (2011)
14	Existência de sobra de caixa	( ) Todo mês ( ) Em alguns meses do ano ( ) Somente em dezembro ( ) Nunca	Kich (2013); Medeiros e Lopes (2014)
15	Tipos de investimentos	( ) Caderneta de Poupança ( ) Ações ( ) Títulos bancários ( ) Títulos Públicos ( ) Previdência Privada ( ) Divisas ( ) Imóveis ( ) Outro	Gonzalez Junior, Santos e Souza (2015); Hancock, Jorgensen e Swanson (2013); Vieira, Bataglia e Sereia (2011); Wohlemborg, Braum e Rojo (2011)
16	Motivo de realizar investimentos	( ) Comprar casa própria ( ) Comprar automóvel ( ) Viajar ( ) Realizar reformas ( ) Pagar dívidas futuras ( ) Investir em educação ( ) Outro	Gonzalez Junior, Santos e Souza (2015)

Quadro 1 - Variáveis do estudo (conclusão)

Variáveis		Opções de respostas	Embasamento
17	Motivo de não realizar investimentos	( ) Não possuo dinheiro para isso ( ) Não conheço sobre o assunto ( ) Tenho receio	Gonzalez Junior, Santos e Souza (2015)
18	Formas de pagamentos	( ) Dinheiro em espécie ( ) Cheque ( ) Cartão de crédito ( ) Transferência bancária	Medeiros e Lopes (2014); Vieira, Bataglia e Sereia (2011)
19	Valor das dívidas	( ) R\$ 0,00 ( ) Até R\$ 1.000,00 ( ) De R\$ 1.000,01 a R\$ 5.000,00 ( ) De R\$ 5.000,01 a R\$ 10.000,00 ( ) De R\$ 10.000,01 a R\$ 20.000,00 ( ) De R\$ 20.000,01 a R\$ 50.000,00 ( ) Acima de R\$50.000,01	Brown <i>et al.</i> (2016)
20	O que faz quando está sem dinheiro	( ) Resgato recursos de aplicações financeiras ( ) Utilizo o cartão de crédito/cheque ( ) Utilizo o limite do cheque especial ( ) Utilizo o financiamento do cartão de crédito ( ) Realizo empréstimo com familiares ( ) Realizo empréstimo em instituições especializadas ( ) Vendo algum bem próprio ( ) Outro	Hancock, Jorgensen e Swanson (2013); Vieira, Bataglia e Sereia (2011); Wohleberg, Braum e Rojo (2011)

Fonte: Autores (2016).

Os dados obtidos foram interpretados por meio de estatística descritiva e pelo teste do qui-quadrado ( $\chi^2$ ) com grau de significância de 95%. Este teste é usado para identificação de dependência entre a variável de linha e a variável de coluna em uma tabela de contingência construída com dados da amostra. Quanto maior o valor da estatística do teste  $\chi^2$ , maior é a possibilidade de se acreditar na relação observada (BARBETTA, 2002; MARTINS, 2002). Conforme Barbetta (2002), as hipóteses da pesquisa, mediante utilização dos dados pela estatística do qui-quadrado, são:

- $H_0$ : As duas variáveis são independentes;
- $H_1$ : Existe associação entre as duas variáveis, ou seja, são dependentes.

Na impossibilidade de utilização do teste do  $\chi^2$ , isto é, quando as frequências esperadas foram menores ou iguais a 5 respondentes, utilizou-se o teste exato de Fisher e de Monte Carlo. Este procedimento é recomendado para alcançar melhor desempenho em amostras pequenas (PLACKETT, 1983). Nesse caso, o grau de significância adotado foi de 99%.

A análise dos dados foi realizada por meio do *software* estatístico IBM SPSS Statistics® versão 20. Desse modo, a análise de dependência foi efetuada entre o curso de graduação (variável 1) e as demais variáveis (2 a 20), individualmente. Oportunamente, também foram aplicadas análises complementares entre as variáveis 6 e 7; variáveis 13 e 14; variáveis 6 e 19; e, variáveis 4 e 20.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção foi separada em duas partes. Inicialmente se apresenta a análise da relação do perfil pessoal dos estudantes (variáveis 2 a 4) com o curso de graduação (variável 1). A segunda parte se refere à análise da relação entre o comportamento financeiro dos acadêmicos (variáveis 5 a 20) e o curso de graduação (variável 1). Os resultados são discutidos à luz da Teoria da Contabilidade Mental e relacionados aos resultados de pesquisas anteriores.

### 4.1 Perfil pessoal dos acadêmicos

Dentre os respondentes do questionário, 51,95% são alunos matriculados na 3ª série e 48,05% são alunos pertencentes à 4ª série dos cursos ofertados pelo campus objeto de estudo. Quanto ao gênero (variável 2), 74,02% da amostra é composta por estudantes do sexo feminino, 23,38% do sexo masculino e os demais correspondem a outros ou não responderam. A estatística descritiva da variável 3 indica que a maioria dos indivíduos da amostra tem idade até vinte e cinco anos (57,8% entre vinte e um e vinte e cinco anos e 29,87% tem idade até vinte anos). Tais características são semelhantes à população de alunos da universidade, em que há mais indivíduos do sexo feminino e jovens com idade até vinte e cinco anos (UEM, 2016).

Quanto à forma de moradia (variável 4), a maioria dos alunos moram com os pais (55,84%). A maioria dos respondentes que moram sozinhos são alunos de Design (45,5%) e Moda (54,5%). Morar com os pais destaca-se entre os alunos de Ciências Contábeis (44,2%) e Pedagogia (33,7%) e em república prevalecem alunos de Design (43,3%) e Moda (53,3%). Já os percentuais de alunos que moram com o cônjuge são maiores em Ciências Contábeis (40,0%) e Pedagogia (50,0%). Resultados com a opção “outros” ocorreram com mais frequência em Moda (57,1%) e Pedagogia (28,6%).

Tabela 2 – Relação da forma de moradia (variável 4) com o curso (variável 1)

Variável	Teste do X <sup>2</sup>	Significância
4 - Forma de moradia*	83,849	0,000 / 0,000

\* Significância dada pelo Teste de Monte Carlo e do Teste Exato de Fisher, respectivamente, com intervalo de confiança de 99%, devido a variável apresentar frequência esperada menor do que 5.

Fonte: Autores (2016)

Conforme dados apresentados na Tabela 2, há uma relação significativa entre o curso e a forma de moradia (variável 4). É possível notar similaridade entre os alunos de Ciências Contábeis e de Pedagogia, que geralmente moram com os pais ou com os cônjuges, e entre os alunos de Design e Moda, que moram predominantemente sozinhos ou em república. Isto ocorre devido os cursos de Ciências Contábeis e Pedagogia existirem em maior quantidade e em muitos polos estudantis enquanto a oferta dos cursos de Moda e de Design é mais escassa. Por isso, estes cursos acabam por atrair estudantes de regiões longínquas de onde o campus está instalado, fazendo com que seus alunos saiam do convívio familiar para morarem sozinhos ou em repúblicas na cidade do campus universitário.

## 4.2 Perfil financeiro dos acadêmicos

Esta subseção tem o intuito de analisar a relação entre o comportamento financeiro dos acadêmicos (variáveis 5 a 20) e o curso de graduação (variável 1). Ainda, esta análise é subdividida quanto aos aspectos da renda e educação financeira (variáveis 5 a 11) e quanto aos aspectos do comportamento relacionados a orçamento, investimento e endividamento (variáveis 12 a 20).

### 4.2.1 Análise da Renda e da Educação Financeira

A variável 1 (curso) foi utilizada nas análises que envolvem a renda e educação financeira dos alunos (variáveis 5 a 11).

A Tabela 3 apresenta os resultados dessa análise por meio do teste do qui-quadrado.

Tabela 3 – Relação das variáveis de renda e educação financeira com o curso (variável 1)

Variáveis	Teste do $\chi^2$	Significância
5 - Fonte de renda*	71,745	0,000 / 0,000
6 - Renda mensal*	25,315	0,024 / 0,016
7 - Satisfação com a renda	4,808	0,186
8 - Tempo que manteria o padrão de vida*	33,793	0,003 / 0,004
9 - Percepção sobre a educação financeira*	25,126	0,000 / 0,000
10 - Propulsor da educação financeira*	44,059	0,001 / 0,000
11 - Opinião sobre o conhecimento obtido a partir do curso de graduação*	50,095	0,000 / 0,000

\* Significância dada pelo Teste de Monte Carlo e do Teste Exato de Fisher, respectivamente, com intervalo de confiança de 99%, devido a variável apresentar frequência esperada menor do que 5.

Fonte: Autores (2016)

Os resultados indicam que o trabalho formal é mais comum no curso de Ciências Contábeis (51,5%) e o trabalho informal ocorreu com mais frequência em Pedagogia (50,0%). Na opção estágio ou bolsa sobressaíram os alunos de Design (37,9%) e Pedagogia (31,0%). Cerca de 61,3% dos resultados com mesada são do curso de Moda. Estes resultados mostram que a relação entre curso e fonte de renda (variável 5) é significativa com nível de confiança de 99% ( $\chi^2=71,745$ ;  $p<0,01$ ). Portanto, há uma interdependência entre o curso e a fonte de renda, pois, os alunos de Ciências Contábeis se inserem no mercado de trabalho formal antes do término da graduação em maior frequência em relação demais alunos. Os alunos de Pedagogia necessitam de habilitação profissional para atuarem na área de estudo, o que ocorre apenas após a conclusão do curso universitário. Isso força-os a buscar fontes de renda em trabalhos informais enquanto ainda são universitários. Os alunos de Design e Moda, que estudam, respectivamente, no período integral e matutino, acabam por depender financeiramente da família e de estágio remunerado.

A variável 6 (renda mensal) demonstrou-se independente do curso de graduação ( $\chi^2=25,315$ ;  $p n.s.$ ), ou seja, o volume de remuneração dos alunos não está associado a uma formação acadêmica específica. O recebimento de valores até R\$ 880,00 mensais é mais frequente em Design (30,2%) e Pedagogia (28,3%). Além disso, 27,6% dos respondentes com rendimentos entre R\$ 800,01 a R\$ 1.500,00 são curso de Ciências Contábeis enquanto 25,9% dos respondentes são dos cursos de Pedagogia e Moda. Dentre os alunos que recebem valores entre R\$ 1.500,01 a R\$ 3.000,00, 52,8% são estudantes de contabilidade. Os alunos de Ciências Contábeis possuem maior volume de renda em comparação com os demais nas faixas com valores mais altos, sendo 60,0% e 100,0%, respectivamente, dos casos de renda no intervalo entre R\$ 5.000,01 a R\$ 7.000,00 e acima de R\$ 7.000,00. Por meio dos testes estatísticos não é possível afirmar que as diferenças entre as rendas sejam significativamente discrepantes entre os alunos classificados quanto ao curso que frequentam. Ainda assim, verifica-se que as maiores rendas listadas são acessadas por alunos de Ciências Contábeis. Isso pode ser reflexo do ingresso precoce no mercado de trabalho formal, diferente do que ocorre com os alunos dos demais cursos.

A relação entre o curso e a satisfação com a renda (variável 7) também não apresentou resultado significativo, indicando que as variáveis são independentes ( $\chi^2=4,808$ ;  $p n.s.$ ). Dentre os alunos que estão satisfeitos com a renda, 37,0% são de Ciências Contábeis e cerca de 33,3% do curso de Moda. Ao contrário, 29,9% dos alunos que estão insatisfeitos são de Ciências Contábeis e outros 28,3% são de Pedagogia. Diante disso, observa-se que estes resultados são distintos da pesquisa de Xiao, Chen e Chen (2014) que indicou que a alfabetização financeira contribui positivamente para a satisfação financeira.

Complementarmente, ainda que a renda mensal (variável 6) e a satisfação com a renda (variável 7) não tenham relação de dependência com o curso, essas variáveis possuem relação entre si ( $\chi^2=15,109$ ;  $p<0,01$ ). Dentre os alunos com renda mensal de R\$ 1.500,01 a R\$ 3.000,00, 75,0% estão insatisfeitos. Destaca-se que esta faixa de remuneração tem frequência maior de alunos da área da contabilidade. Sendo

assim, esses alunos têm expectativas financeiras superiores aos demais alunos, o que faz jus ao pressuposto da Teoria da Contabilidade Mental de que a maneira como os resultados são percebidos e experimentados dependem do raciocínio financeiro do indivíduo (PRADO, 2015).

A relação entre o tempo que manteriam o padrão de vida, no caso de perda da renda mensal (variável 8), com a variável curso demonstrou-se significativa ( $\chi^2=33,793$ ;  $p<0,01$ ), conforme apresentado na Tabela 3, existindo dependência entre estas variáveis. Para os cursos de Design e Pedagogia a maioria dos respondentes indicou que conseguiriam manter o padrão de vida no período de 1 a 3 meses. Já os alunos do curso de Ciências Contábeis representam 70,0% dos casos em que conseguiriam manter o padrão de vida por 12 meses, enquanto no curso de Moda a maioria não manteria o padrão de vida.

Os resultados apresentados são um indicativo de que os alunos de Ciências Contábeis realizam abertura de contas mentais para eventos contingentes, assim como aprendem a fazer na contabilidade aplicada às empresas (PRELEC; LOEWENSTEIN, 1998; THALER, 1999). Esta condição indica que a graduação em contabilidade impulsiona um comportamento compatível com o pressuposto da atribuição de valores a contas específicas, defendida pela Contabilidade Mental. Sob essa perspectiva, os resultados corroboram para a compreensão de que os alunos de cursos na área de negócios podem desenvolver atividades cognitivas segundo os padrões de gestão empresarial e, conseqüentemente, aprimorar a prática do orçamento financeiro pessoal.

A Tabela 3 também indica resultado significativo ( $\chi^2=25,126$ ;  $p<0,01$ ) entre as variáveis curso e percepção sobre a educação financeira (variável 9). De maneira geral, prevaleceu a opção muito importante (69,5%), exceto no curso de Design, em que 50% destes alunos consideram importante o tema educação financeira. Os alunos de Ciências Contábeis foi o grupo que atribuiu maior peso a importância sobre educação financeira (40,2%). Isso mostra que os alunos de contabilidade expressam a mesma racionalidade disseminada no ambiente acadêmico e que este atua como elemento dissipador da subjetividade relacionada às finanças e atribui aos acadêmicos de contabilidade um *status* diferenciado. Por isso, é perceptível que a área de formação profissional se relaciona com a racionalidade dos indivíduos, considerando os pressupostos da Teoria da Contabilidade Mental.

Ao relacionar o propulsor da educação financeira (variável 10) com os cursos obteve-se que há dependência entre estas variáveis ( $\chi^2=44,059$ ;  $p<0,01$ ). No total de respostas quanto a indicação da graduação atual como principal propulsor, 53,3% referem-se à alunos de Ciências Contábeis, refletindo a percepção que estes indivíduos possuem de diferenciação que tal curso oferece às finanças pessoais. Aqueles que atribuem aos familiares e amigos, cerca de 32,8% são de Moda, 25,4% são de Ciências Contábeis, 20,9% de Design e 20,9% à Pedagogia. Tais resultados indicam que os graduandos de contabilidade, que estão expostos às práticas de planejamento e controle financeiro organizacional, possuem capacidade de associar tais práticas ao comportamento empregado conscientemente no seu dia-a-dia.

A relação entre o curso e a opinião sobre o conhecimento obtido sobre finanças pessoais a partir do curso de graduação (variável 11) foi significativa ( $\chi^2=50,095$ ;  $p<0,01$ ), conforme demonstrado na Tabela 2, indicando a dependência das variáveis. Cerca de 75,6% dos alunos de Pedagogia, 72,7% de Design, 56,2% de Moda e 12,5% em Contábeis indicaram que os respectivos cursos não agregam conhecimento sobre as finanças pessoais. Esses resultados demonstram que cursar Ciências Contábeis é, para a maioria de acadêmicos deste curso, uma fonte de obtenção de conhecimentos que contribuem com as decisões sobre as finanças pessoais. Estes resultados são compatíveis com Hancock, Jorgensen e Swanson (2013), Medeiros e Lopes (2014), Ottani *et al.* (2016), Vieira, Bataglia e Sereia (2011), Wohleberg, Braum e Rojo (2011), Xiao, Chen e Chen (2014).

A ausência de unanimidade dentre os acadêmicos pode representar que parte dos alunos do curso de contabilidade, ainda que sujeitos aos mesmos meios de formação, assimilam e utilizam o conhecimento disseminado em sala de aula de forma distinta. Justamente por situações como esta, a

Contabilidade Mental pressupõe que as decisões humanas são dependentes da maneira como os resultados são percebidos e experimentados (PRADO, 2015; THALER, 1999).

A análise das variáveis de renda e educação financeira (variáveis 5 a 11) confrontadas com o curso (variável 1) permite compreender, de forma geral, que a percepção da origem das noções de práticas financeiras está relacionada ao conteúdo dos programas de graduação. Conforme defendido por Brown *et al.* (2016), os alunos do curso de Ciências Contábeis são mais satisfeitos quanto ao conhecimento de finanças pessoais em relação aos demais alunos. Ou seja, existe a percepção de que a formação em um curso que proporciona conhecimentos empresariais pode criar mais segurança com as finanças pessoais, visto que permite transladar ferramentas financeiras aplicadas no âmbito organizacional para a vida particular. Essa percepção é compatível com o estudo de Saito (2007) que relata que os conhecimentos acadêmicos da área de negócios podem ser aprimorados pelos indivíduos com objetivo de planejar o futuro e possuir renda em nível satisfatório. Os resultados de como a educação universitária em contabilidade afeta o comportamento atrelado as finanças pessoais dos alunos podem ser amparados no pressuposto da forma como se realiza a Contabilidade Mental.

#### 4.2.2 Análise do Orçamento, Investimento e Endividamento

Os resultados individuais do teste estatístico qui-quadrado entre variáveis que envolvem orçamento, investimento e endividamento (variáveis 12 a 20) em relação ao curso (variável 1) são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4 – Relação das variáveis de orçamento, investimento e endividamento com o curso (variável 1)

Variáveis	Teste do $\chi^2$	Significância
12 - Forma de monitoramento das finanças pessoais*	61,883	0,000 / 0,000
13 - Forma de realização de orçamento financeiro pessoal*	54,354	0,000 / 0,000
14 - Existência de sobra de caixa*	30,828	0,000 / 0,000
15 - Tipos de investimentos*	18,642	0,405 / 0,392
16 - Motivo de realizar investimentos*	25,336	0,135 / 0,265
17 - Motivo de não realizar investimentos*	17,864	0,007 / 0,006
18 - Formas de pagamentos*	10,424	0,095 / 0,096
19 - Valor das dívidas*	27,174	0,052 / 0,050
20 - O que faz quando está sem dinheiro*	22,007	0,035 / 0,028

\* Significância dada pelo Teste de Monte Carlo e do Teste Exato de Fisher, respectivamente, com intervalo de confiança de 99%, devido a variável apresentar frequência esperada menor do que 5.

Fonte: Autores (2016).

A relação do curso com a forma de monitoramento das finanças pessoais (variável 12) demonstrou ser dependente ( $\chi^2=61,883$ ;  $p<0,01$ ). Os alunos que utilizam folha de papel são cerca de 51,1% do curso de Pedagogia. Na opção planilha eletrônica há maior frequência de utilização por parte dos alunos de Ciências Contábeis (65,8%). Outros 26,6% da amostra não monitoram as finanças, sendo que Design (46,9%) e Moda (42,4%) são os cursos que mais contribuem para esse resultado. A Contabilidade Mental pressupõe que as decisões dos indivíduos dependem de como as contas mentais são revisadas (CHEEMA; SOMAN, 2006). Percebe-se que os acadêmicos de Ciências Contábeis utilizam recursos mais sofisticados nesta tarefa. Consequentemente, a revisão das contas mentais é feita pelos futuros contadores por meio de ferramentas aplicáveis às organizações, demonstrando ser uma atitude moldada a partir dos ensinamentos obtidos em sala de aula.

Os resultados obtidos mostram que a variável da forma de realização do orçamento financeiro pessoal (variável 13) é dependente do curso ( $\chi^2=54,354$ ;  $p<0,01$ ), conforme indicado na Tabela 4. A forma mais completa, considerando-se as receitas, despesas e sobras de caixa, é praticada com mais frequência pelos alunos de contabilidade (53,6%). Já a forma simplificada, contendo apenas as despesas, é mais usual em Pedagogia (48,4%), Design (25,8%) e Moda (22,65%). Considerando que os alunos de Ciências Contábeis utilizam meios sistematizados de controle das informações financeiras e tem hábito de desenvolver um orçamento doméstico, há menor probabilidade destes se influenciarem por questões irracionais no processo decisório, conforme afirmam Kich (2013) e Prado (2015). Por meio de tais resultados, avalia-se que o curso de Ciências Contábeis contribui para o aprimoramento da gestão das finanças pessoais, assim como concluíram Drexler, Fischer e Schoar (2014), Hancock, Jorgensen e Swanson (2013), Medeiros e Lopes (2014), Ottani *et al.* (2016), Wohleberg, Braum e Rojo (2011) e Xiao, Chen e Chen (2014).

Dentre os alunos que afirmam que a sobra de caixa (variável 14) ocorre em todos os meses do ano, tem-se que 50,0% são alunos de Ciências Contábeis e 26,0% de Pedagogia. A inexistência de sobras ocorre em 40,5% dos respondentes do curso de Moda e 35,1% de Pedagogia. Assim, novamente observa-se que o comportamento financeiro dos alunos de contabilidade se difere significativamente dos demais estudantes e que a existência de sobra de caixa e o curso de graduação são variáveis que se relacionam ( $\chi^2=30,828$ ;  $p<0,01$ ). Esta análise foi complementada considerando a variável 13, que denota a forma de monitoramento das finanças, e a possível relação com a variável 14, atribuída à existência de sobra de caixa. O teste estatístico indicou que estas variáveis estão relacionadas ( $\chi^2=25,105$ ;  $p<0,01$ ) de forma que os alunos de Ciências Contábeis se destacam quanto ao controle formal e sistematizado das suas finanças e que essa postura está relacionada a maior frequência de sobra de caixa. Nesse caso, os resultados reforçam o pressuposto de que os conhecimentos sobre finanças empresariais contribuem para o bem-estar financeiro pessoal (XIAO; CHEN; CHEN, 2014).

A parcela da amostra que realiza algum tipo de investimento totaliza 78 estudantes (50,6% da amostra), cuja presença preponderante é de alunos de contabilidade (50,0%). Os resultados demonstram que a maioria dos respondentes que possuem investimentos aplicam seus recursos em poupança (75,6%), sendo 45,8% de Ciências Contábeis, 10,2% de Design, 10,2% de Moda e 33,9% de Pedagogia. No entanto, não se constatou dependência entre o curso e o tipo de investimento (variável 15) ( $\chi^2=18,642$ ;  $p$  *n.s.*), isto é, não houve diferença significativa nos resultados entre os cursos, pois, a poupança é preferida por todos. Tais resultados diferem dos achados de Ottani *et al.* (2016) que identificaram que mais da metade da amostra do seu estudo não realizava nenhum tipo de investimento e confirmou o estudo de Saurin *et al.* (2015) de que os alunos não se arriscam em suas decisões financeiras ao optar por investimentos geralmente menos rentáveis, porém, mais seguros.

Ao analisar os resultados, quanto ao comportamento dos acadêmicos relativo as decisões de investimentos, se encontra uma perspectiva diferente à compreensão obtida na percepção sobre renda, conhecimento sobre finanças pessoais e práticas de controle financeiro. Enquanto estas ações podem ser tratadas como decisões que derivam da forma como as finanças são controladas pelas contas mentais e que o ambiente acadêmico atua como influenciador do processo cognitivo, as decisões de investimentos, sempre associadas a algum nível de risco, apresentam alta subjetividade na forma de praticar a Contabilidade Mental. Os conhecimentos sobre finanças apresentados no curso de Ciências Contábeis podem ser responsáveis pela compreensão da importância de se fazer investimentos, visto que os alunos desse curso perfazem a maioria da amostra de investidores identificados na pesquisa. Contudo, a relação estabelecida entre a formação acadêmica e a formação de reserva financeira não se aplica às modalidades de investimento, cuja decisão envolve a medição do risco e do retorno. Assim, ao demonstrar preferência pela poupança, os resultados sugerem que os futuros contadores apresentam perfil conservador e são avessos ao risco da mesma forma que os acadêmicos dos demais cursos, destacando a preponderância de aspectos subjetivos.

Na busca por indícios comportamentais, indagou-se aos alunos sobre os motivos de investirem (variável 16). Prevaleceu a busca pela compra da casa própria (44,9%), com maior frequência por parte dos alunos de Ciências Contábeis (48,6%) e Pedagogia (40,0%). O intuito de investir em educação foi indicado por 12,8% dos alunos, sendo 40,0% de Ciências Contábeis e 30,0% de Pedagogia. O curso e o motivo de realizar investimentos demonstraram-se independentes entre si ( $\chi^2=25,336$ ;  $p$  *n.s.*), o que significa que o curso não interfere na motivação para fazer investimentos. Novamente, os resultados da pesquisa revelam que o caráter subjetivo da decisão pode ser proeminente na gestão das contas mentais quanto a elementos de investimentos.

Ao contrário disso, a variável motivo de não realizar investimentos (variável 17) e o curso indicaram dependência ( $\chi^2=17,864$ ;  $p<0,01$ ), sobressaindo a justificativa atrelada a falta de dinheiro (75,0%), que ocorre mais entre os futuros modistas (36,8%) e pedagogos (26,3%) e desconhecimento sobre o assunto (15,8%), estes com maior frequência entre os estudantes de Design (83,3%). Isso demonstra como a ausência de planejamento e controle financeiro, que podem ser oriundos da falta de contato com conhecimentos sobre finanças, tende a interferir na formação do patrimônio pessoal dos alunos de Design, Moda e Pedagogia. Junto a isso, também se reconhece os efeitos do fato destes acadêmicos possuírem, preponderantemente, renda informal e volume de renda e sobra de caixa inferior aos estudantes de Ciências Contábeis. Logo, se identifica que a Contabilidade Mental dos alunos de Design, Moda e Pedagogia é afetada por um formato de racionalidade financeira distinta, especialmente quanto às práticas de investimentos.

Ao analisar as formas de pagamento utilizadas pela amostra (variável 18), identificou-se não haver relação significativa com o curso ( $\chi^2=10,424$ ;  $p$  *n.s.*). Tal resultado é justificado pela indicação da utilização do dinheiro em espécie pela maioria dos alunos (71,4%), sendo 28,2% de Ciências Contábeis, 25,5% em Pedagogia, 24,5% em Moda e 21,8% em Design. A opção de utilizar dinheiro pode ter origem na busca de conforto emocional, visto que esta modalidade de pagamento reduz a pressão psicológica do fechamento das contas mentais que persiste dentro do prazo de quitação da dívida. Diante disso, compreende-se que as questões psicológicas interferem no comportamento financeiro a fim de que os benefícios da compra sejam majorados (CHATTERJEE; HEATH; MIN, 2009; PRELEC; LOEWENSTEIN, 1998). Nesse sentido, a formação acadêmica não atua de forma importante nesta escolha e não se relaciona com os pressupostos da Contabilidade Mental.

A respeito da variável 19 (valor das dívidas), a relação com o curso também não foi significativa ( $\chi^2=27,174$ ;  $p$  *n.s.*). Cerca de 56,5% dos respondentes afirmam não possuir dívidas. Obteve-se que os estudantes de Ciências Contábeis e Moda contribuem para esse resultado com 27,6% cada. Dívidas de até R\$ 1.000,00 ocorre em 26,0% da amostra, com presença maior de alunos de Pedagogia (40,0%) e Ciências Contábeis (27,5%). Os resultados demonstram que não há diferença na ocorrência de endividamento de alunos da área de negócios comparativamente aos alunos das demais áreas, indicando que a Contabilidade Mental concernente a este elemento se desenvolve por tendências subjetivistas. Dessa forma, os achados da presente pesquisa diferem do estudo de Hancock, Jorgensen e Swanson (2013) que indicaram que os estudantes da área de negócios utilizam mais o cartão de crédito e são endividados devido a independência financeira.

Uma análise complementar foi realizada entre a variável valor das dívidas (variável 19) e a renda mensal (variável 6), que demonstrou dependência entre si ( $\chi^2=115,148$ ;  $p<0,01$ ). Portanto, quem recebe até R\$ 880,00 declara a inexistência de dívidas em 66,0% dos casos. Percebeu-se também que 58,6% daqueles que auferem entre R\$ 880,01 à R\$ 1.500,00 não possui dívidas. Cerca de 41,7% de quem recebe entre R\$ 1.500,01 à R\$ 3.000,00 e 22,2% daqueles que recebem valores entre R\$ 5.000,01 à R\$ 10.000,00 também não possuem dívidas. Tais resultados demonstram que o endividamento aumenta de acordo com o volume de renda. Ou seja, os indivíduos sentem-se mais seguros para contrair dívidas conforme o nível de renda evolui. Isso implica que as decisões de endividamento são racionalizadas a partir da renda e que a formação acadêmica não interfere nesse processo cognitivo específico. Estes resultados diferem da



pesquisa de Brown *et al.* (2016) em que se relata que as dívidas são menores quando o nível de conhecimento em finanças é maior.

Na última variável analisada, os resultados indicam que quando ocorre falta de recursos monetários (variável 20), os alunos recorrem principalmente ao empréstimo junto aos familiares, atitude relatada por cerca de 46,1% dos indivíduos da amostra. O resgate de aplicações financeiras representa 20,8% dos respondentes enquanto 18,8% utilizam cartão de crédito ou cheque. Percentuais inferiores ocorrem na opção venda de bens e outros, sendo 2,6% e 11,6% respectivamente. Diante desses resultados não foi identificada dependência da forma de alavancagem financeira com o curso estudado ( $\chi^2=22,007$ ;  $p$  *n.s.*), ou seja, percebe-se que outros elementos são determinantes para essa decisão financeira específica, e, além disso, tal comportamento não é uniforme entre os indivíduos da amostra.

Para refinar a análise, relacionou-se a variável 20 (o que faz quando está sem dinheiro) com a variável 4 (forma de moradia) e obteve-se que são dependentes ( $\chi^2=32,691$ ;  $p<0,01$ ). Ou seja, a ação dos alunos quando estão sem dinheiro depende com quem moram. Os resultados demonstram que os alunos que moram com os pais (46,5%), que moram sozinhos (45,5%) ou em repúblicas (63,3%) realizam empréstimos com familiares. A escolha considerada em situações de desequilíbrio financeiro de fazer um aporte de recursos com membros da família pode ser preferido devido à ausência de burocracia, possível ausência de juros e taxas e flexibilidade no pagamento da dívida. Isto pode favorecer maior conforto psicológico ao gerenciar as contas mentais. Os alunos que moram com o cônjuge, por sua vez, utilizam o cartão de crédito ou cheque (35,0%) e emprestam de familiares (25,0%). Isso indica que o estado civil pode interferir na responsabilização assumida perante as finanças pessoais, de forma que há subjetividade na Contabilidade Mental associada a gestão das dívidas.

Destaca-se que as análises desenvolvidas pelo presente estudo indicam que a prática de controlar o orçamento pessoal pode ser relacionada com a área de estudo, sendo que os alunos de Ciências Contábeis apresentaram comportamento diferenciado em relação aos demais acadêmicos. Entretanto, aspectos decisórios relacionados a investimentos, forma de pagamento e dívidas não mostraram qualquer dependência com a formação contábil, sendo atrelados a outros fatores racionais ou a comportamentos subjetivos, como foi exposto por Leone e Alves (2011). Diverge, portanto, da pesquisa de Vieira, Bataglia e Sereia (2011) que concluiu que a formação acadêmica na área de negócios contribui para a tomada de decisões de consumo e de investimento.

Sob a lente da Teoria da Contabilidade Mental pode-se compreender que o contato com conhecimento sobre finanças organizacionais pode condicionar parte do comportamento dos indivíduos e que tal relação atua no sentido de potencializar a organização das finanças pessoais. Contudo, não se pode restringir a área de formação como único determinante da vida financeira dos futuros contadores. Os resultados da pesquisa destacam a possível existência de demais elementos que interferem na racionalização das finanças pessoais, assim como indicam a possibilidade de que subterfúgios subjetivos permeiam os comportamentos na esfera financeira dos acadêmicos da amostra de estudo.

Por fim, é preciso destacar que, em âmbito geral, os resultados apresentados se mostram difusos aos estudos de Mandell e Klein (2009), Leone e Alves (2011) e Zanetta (2016) que não reconheceram qualquer relação entre a formação na área de negócios e as práticas de gestão financeira pessoal. Por meio das análises apresentadas pelo atual estudo é possível identificar relação entre a área de estudo e as práticas financeiras pessoais, ainda que não seja prevalecente em todas as perspectivas delineadas. Logo, a presente pesquisa reforça os achados de Kich (2013) e Prado (2015).

Schiller (2017) afirma que a Contabilidade Mental não é relevante para a tomada de decisões financeiras domésticas de profissionais e estudantes de contabilidade, haja vista, que estes indivíduos são afetados por fatores psicológicos obscuros. Esta análise também é contestada pelo presente estudo que, apesar de considerar que os indivíduos, independente da área de formação profissional são afetados por relativa subjetividade, demonstra tendências de comportamento financeiro em grupos específicos. Diante disso, a Contabilidade Mental não é um aspecto aleatório e algumas práticas coletivas e aspectos

decisoriais são condicionados pela formação acadêmica. Desta forma, os pressupostos apresentados pela teoria da Contabilidade Mental contribuem com a investigação e compreensão das ações humanas quanto aos gatilhos da gestão financeira pessoal defendida por Thaler (1999).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi identificar aspectos das finanças pessoais de alunos dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, Design, Moda e Pedagogia da UEM, campus de Cianorte, sob o aspecto da Teoria da Contabilidade Mental. Na tentativa de diferenciar os discentes do curso de Ciências Contábeis dos acadêmicos dos demais cursos da amostra, os resultados apontam, de modo significativo, que estudantes de contabilidade manteriam o padrão de vida por mais tempo em situação de desemprego, desenvolvem a forma mais completa de orçamento doméstico, usam planilha eletrônica como forma de monitoramento, possuem maior frequência de sobra de caixa e buscam investimentos. Além disso, a opinião dos indivíduos da amostra sobre o conhecimento obtido a partir do curso de Ciências Contábeis reconhece a contribuição do aprendizado contábil para a formatação das práticas financeiras pessoais e que este curso de graduação é um importante propulsor da educação financeira dos futuros contadores.

Os resultados permitem considerar que a área de conhecimento a qual o aluno está matriculado mostra-se inserida nas decisões financeiras da sua vida particular. Portanto, a diferenciação dos futuros contadores nos aspectos descritos evidencia que a utilização dos conhecimentos contábeis interfere no processo de desenvolvimento da Contabilidade Mental em benefício próprio. Ao considerar que esse processo é semelhante ao desenvolvimento de orçamentos pela contabilidade empresarial, os aspectos racionais proporcionados pelo curso de Ciências Contábeis são evidentes nas práticas de controle das finanças dos alunos, pois, empiricamente, utilizam-se de orçamentos da forma mais completa. Esses achados indicam a possibilidade de refinamento da utilização das contas mentais, que ocorre em nível psicológico não perceptível pelo indivíduo.

A percepção das contas mentais como um todo é propiciada pela conjunção do uso de conhecimentos obtidos por meios formais e de aspectos subjetivos modelados por eventos do cotidiano. Nesse sentido, obteve-se a predominância da aversão ao risco, tanto em alunos de Ciências Contábeis quanto dos demais cursos, visto que os indivíduos preferem não se arriscar em suas decisões financeiras ao realizar investimentos. Isso significa que a prática de investimentos não condiz com a racionalidade do ensino contábil, sendo apoiada, principalmente, pelo aspecto emocional considerado pela Teoria da Contabilidade Mental. As decisões sobre investimentos indicam tendências subjetivas, tendo em vista que os alunos do curso de contabilidade possuem conhecimentos e recursos para investir em opções mais rentáveis, contudo, acomodam-se pela segurança que a poupança proporciona. Tais desencadeamentos cognitivos levam os indivíduos a empenhar maior importância às perdas do que aos ganhos, conforme preconiza a Teoria dos Prospectos. Assim, o perfil mais arrojado de investidor não foi justificado pelo nível de conhecimento em finanças organizacionais, indicando motivos escusos as variáveis analisadas.

Além das implicações práticas, a presente pesquisa fomenta a divulgação da base teórica denominada Contabilidade Mental. Por meio dos seus pressupostos (maneira como os resultados são percebidos e experimentados, a determinação e classificação das contas mentais e a frequência e forma que tais contas são avaliadas) é possível modelar os comportamentos financeiros e captar movimentos oriundos da sistematização do raciocínio promovida pelo ensino da contabilidade. Com isso, a análise empírica desenvolvida pelo presente estudo oferece contribuições quanto a aplicabilidade da teoria e incentiva a disseminação de investigações correlatas a fim de que problemas relacionados ao tema sejam discutidos. No caso presente, permanece a crítica sobre a ausência de ensino sobre finanças pessoais em todas as fases educacionais brasileiras e que, por meio dos resultados apresentados, verifica-se que refletem nas práticas financeiras dos cidadãos adultos.

Sabendo que o ENEF contribui com limitadas ações educacionais, como implicação prática, sugere-se que a discussão sobre finanças pessoais seja alargada. Isto deve ser feito principalmente no âmbito no ensino fundamental e médio, visto que antecede o período da vida adulta a qual exige a tomada de decisões financeiras. Além do mais, é evidente que os cursos de ensino superior podem não ter espaço em suas grades curriculares para dispor de disciplinas específicas sobre o tema, já que este não é foco principal da formação acadêmica.

Quanto aos indivíduos que estão no ensino superior e que não tiveram contato com algum tipo de formação sobre finanças, é importante que haja incentivo para que participem de cursos extracurriculares sobre a gestão de recursos próprios e conhecimentos sobre finanças pessoais. Estes incentivos devem partir dos gestores acadêmicos e também ser buscados pelos estudantes, visto que é um assunto que deve fazer parte das discussões da comunidade acadêmica diante das implicações em práticas cidadãs.

Nesse sentido, professores e alunos de cursos na área de negócios podem organizar eventos, encontros, palestras e afins para disseminar aos acadêmicos de demais cursos noções sobre práticas financeiras aplicáveis a vida particular. Isso pode prevenir comportamentos financeiros de risco e conscientizar os alunos sobre as consequências negativas dessas escolhas, a fim de evitá-los conscientemente. Dessa forma, é possível gerar uma repercussão social benéfica, permitindo aos alunos compartilharem estes conhecimentos com seus familiares e seu círculo social. Estas ações colaboram com os processos da Contabilidade Mental e isso é reforçado pelos resultados da presente pesquisa ao identificar que os alunos que acessam conteúdos formais sobre finanças estão em estágios mais avançados nas práticas de controle das finanças pessoais.

Como limitação, o presente estudo envolveu somente um campus de uma instituição de ensino de nível superior e utilizou apenas alguns aspectos relacionados às finanças pessoais. Logo, pesquisas futuras podem comparar a contribuição da formação universitária para as finanças pessoais entre distintos cursos da área de negócios e de distintas instituições e regiões. Pode-se comparar ainda os mesmos cursos ao adotar a matriz curricular como unidade de análise. Sugere-se que sejam feitas pesquisas complementares e com análises ampliadas sobre os possíveis determinantes das escolhas de investimento, nível de consumo, tipo de pagamento e fonte de empréstimos, visto que não foi possível estabelecer relações destes com os conhecimentos disseminados pela área de estudo dos alunos da amostra. Isso pode ser uma oportunidade para compreender se prevalece a subjetividade em algumas decisões ou se demais escolhas financeiras podem ser amparadas pela educação formal.

## REFERÊNCIAS

- BRAIDO, G. M. Planejamento Financeiro Pessoal dos Alunos de Cursos da Área de Gestão: estudo em uma instituição de ensino superior do Rio Grande do Sul. **Revista Estudo & Debate**, v. 21, n. 1, 37-58, 2014.
- BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- BROWN, Meta; GRIGSBY, John; KLAUW, Wilbert van der; WEN, Jaya; ZAFAR, Basit. Financial education and the debt behavior of the young. **The Review of Financial Studies**, v. 29, n. 9, p. 2490-2522, 2016.
- CHATTERJEE, S; HEATH, T. B.; MIN, J. The susceptibility of mental accounting principles to evaluation mode effects. **Journal of Behavioral Decision Making**, v. 22, n. 2, p. 120-137, 2009.
- CHEEMA, A.; SOMAN, D. Malleable mental accounting: The effect of flexibility on the justification of attractive spending and consumption decisions. **Journal of Consumer Psychology**, v. 16, n. 1, p. 33-44, 2006.

CRUZ, Ione; AZEVEDO, Graça; SILVA, Anabela; CHIAU, Angelina. Contabilidade mental: uma revisão sistemática. **Estudos do ISCA**, v. 4, n. 15, p. 1-34, 2017.

DREXLER, A.; FISCHER, G.; SCHOAR, A. Keeping it simple: Financial literacy and rules of thumb. **American Economic Journal: Applied Economics**, v. 6, n. 2, p. 1-31, 2014.

DUARTE, H. F. O. **A literacia financeira entre alunos de mestrado**. 2012. 81 p. Dissertação (Mestrado em Gestão) - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2012.

FERNANDES, D. T. **Acerca da literacia financeira**. 2011. 126 p. Dissertação (Mestrado em Economia Portuguesa e Integração Internacional) - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2011.

GINZEL, F. **É tempo de travessia: os múltiplos caminhos de jovens universitários para a vida adulta**. 2017. 136 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2017.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Editora Pearson, 2010.

GONZALEZ JUNIOR, I. P.; SOUZA, E. A.; SANTOS, A. C. Investimento financeiro: uma análise do perfil investidor dos universitários do recôncavo da Bahia. **Revista de Gestão e Contabilidade da UFPI**, v. 2, n. 2, p. 96-114, 2015.

GRIFONI, A.; MESSY, F. Current status of national strategies for financial education: A comparative analysis and relevant practices. **OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions**, n. 16, p. 1-36, 2012.

HANCOCK, A M.; JORGENSEN, B. L.; SWANSON, M. S. College students and credit card use: The role of parents, work experience, financial knowledge, and credit card attitudes. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 34, n. 4, p. 369-381, 2013.

HOFMANN, R. M.; MORO, M. L. F. Educação matemática e educação financeira: perspectivas para a ENEF. **Zetetike**, v. 20, n. 2, p. 37-54, 2013.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Prospect Theory: An analysis of decision under risk. **Econometrica: Journal of the Econometric Society**, v. 47, n. 2, p. 263-291, 1979.

KICH, T. G. F. **Análise da influência da educação financeira nos vieses comportamentais framing, contabilidade mental e aversão à perda**. 2013. 91 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Maria, 2013.

KOCH, A. K.; NAFZIGER, J. Goals and bracketing under mental accounting. **Journal of Economic Theory**, v. 162, p. 305-351, 2016.

LEONE, R. J. G.; ALVES, W. H. de L. Interpretação das exigências de prêmio por alunos de economia: um experimento de finanças comportamentais na UFPB. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ**, v. 16, n. 1, p. 2-18, 2011.

MANDELL, L.; KLEIN, L. S. The Impact of Financial Literacy Education on Subsequent Financial Behavior. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 20, n. 1, p. 15-24, 2009.

MARCHEZINI, B. et al. Uma análise do padrão comportamental de alunos de graduação de uma universidade pública frente à incerteza no mercado de trabalho. **Gestão Contemporânea**, v. 19, n. 1, p. 215-228, 2017.

MARTINS, G. A. **Estatística geral e aplicada**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MEDEIROS, F. S. B.; LOPES, T. de A. M. Finanças pessoais: um estudo com alunos do Curso de Ciências Contábeis de uma IES privada de Santa Maria-RS. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 7, n. 2, p. 221-251, 2014.

OTTANI, Denise de Souza; CARVALHO, Fernando Nitz de; CAMPOS, Édson Telê Campos; CUNHA, Adriano Sérgio da. Contabilidade aplicada às finanças pessoais: um estudo de caso com os acadêmicos do Centro Universitário Municipal de São José. **Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana**, maio 2016.

PLACKETT, R. L. Karl Pearson and the chi-squared test. **International Statistical Review/Revue Internationale de Statistique**, v. 51, n. 1, p. 59-72, 1983.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; CAMPARA, J. P.; FRAGA, L. dos S; SANTOS, L. F. de O. Educação Financeira dos Gaúchos: Proposição de uma Medida e Relação com as Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 9, n. 3, p. 109-129, 2014.

PRADO, A. B. B. **Educação financeira: a visão de jovens universitários sobre as finanças familiares**. 2015. 98 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

PRELEC, D.; LOEWENSTEIN, G. The red and the black: Mental accounting of savings and debt. **Marketing Science**, v. 17, n. 1, p. 4-28, 1998.

SAITO, A. T. **Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil**. 2007. 152 p. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SARAIVA, K. S. Os sujeitos endividados e a educação financeira. *Educar em Revista*, v. 33, n. 66, p. 157-173, 2017.

SAURIN, Valter; VAREJÃO, José Manuel Janeira; COSTA JR., Newton Carneiro Affonso da; PRATES, Wladimir Ribeiro. Estudo Comparativo do Viés do Status Quo e Perfil de Risco em Tomadas de Decisões por Estudantes de Cursos de Pós-Graduação. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 16, n. 5, p. 95-126, 2015.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO. **Metade dos brasileiros não fazem controle do orçamento pessoal, mostra pesquisa do SPC Brasil e CNDL**. Disponível em: <<https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/2453>> 2017. Acesso em: 28 mar. 2018.

SCHILLER, S. The quest for rationality: chief financial officers' and accounting master's students' perception of economic rationality. **SAGE Open**, v. 7, n. 2, p. 1-14, 2017.

THALER, R. Mental accounting and consumer choice. **Marketing science**, v. 4, n. 3, p. 199-214, 1985.

THALER, R. Mental accounting matters. **Journal of Behavioral Decision Making**, v. 12, n. 3, p. 183-20, 1999.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - UEM. **Base de dados 2016: Ano base 2015**. Maringá: UEM-ASP. Disponível em: <[http://www.asp.uem.br/site/index.php?option=com\\_content&view=frontpage&Itemid=23](http://www.asp.uem.br/site/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=23)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da Unimep**, v. 9, n. 3, p. 61-86, 2011.

WOHLEMBERG, T. R.; BRAUM, L. M. D. S.; ROJO, C. A. Finanças pessoais: Uma pesquisa com os acadêmicos da Unioeste–Câmpus de Marechal Cândido Rondon. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 11, n. 21, p. 133-152, 2011.

XIAO, J. J.; CHEN, C.; CHEN, F. Consumer financial capability and financial satisfaction. **Social Indicators Research**, v. 118, n. 1, p. 415-432, 2014.

ZANETTA, A. **Três experimentos em finanças comportamentais**: a influência dos traços de personalidade. 2010. 142 p. Tese (Doutorado em Economia de Empresas) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2010.

ZANETTA, A. Influência de aspectos da racionalidade e da personalidade sobre a ocorrência da ilusão da contabilidade mental. **Revista Administração em Diálogo**, v. 18, n. 3, p. 26-45, 2016.